

O recinto megalítico de Vale Maria do Meio (Évora, Alentejo)

■ MANUEL CALADO¹

RESUMO Apresentam-se os resultados mais importantes das escavações efectuadas no monumento, na Campanha 1 (1995); destaca-se o facto de uma parte importante dos menires conservar ainda as respectivas estruturas de implantação, o que permitiu contar com dados seguros para sustentar hipóteses de reconstituição morfológica do recinto. Avançam-se algumas leituras sugeridas pela interpretação das evidências arqueológicas, nomeadamente em termos funcionais e cronológicos; insiste-se na possível orientação astronómica do conjunto, correspondendo a um contexto cronológico-cultural de arranque do fenómeno da neolitização do interior alentejano (VI-V milénios a.C.), protagonizado por populações com economia assente basicamente na pastorícia.

ABSTRACT This paper presents the most important results of the excavations carried out on the monument in the first season (1995). What is noteworthy is the fact that a large part of the menhirs conserved their respective structures of implantation, which permitted us to rely on secure data in order to develop hypotheses on the morphological reconstruction of the sanctuary. A number of interpretations are suggested for the archaeological evidence, employing functional and chronological factors. The data point to a possible astronomical orientation of the group, and place the monument within the chronological-cultural context of the early neolithization of the interior of the Alentejo (6-5th millennium B.C.), stimulated by populations with a subsistence economy based principally on herding.

1. Introdução

Pretende-se, com este trabalho, dar a conhecer, de uma forma resumida, os dados obtidos no recinto megalítico de Vale Maria do Meio, na 1.ª Campanha de escavações arqueológicas, concretizada no Verão e Outono de 1995.

O monumento tinha sido identificado, pelo autor, na Primavera de 1993, no âmbito de um programa de prospecções de superfície levadas a cabo, nos arredores de Évora, com uma equipa de alunos de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa. O objectivo principal dessas prospecções prendia-se com a detecção de vestígios de *habitat* do Neolítico Antigo de que já tinha, por essa altura, registado um conjunto muito interessante, em que se integrava, nomeadamente, o povoado da Valada do Mato (Calado, 1995; Diniz e Calado, no prelo).

No Verão de 1994, procurando dar uma resposta adequada à importância dos resultados anteriormente obtidos, efectuei, também com alunos de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, uma Campanha de prospecções intensivas na área envolvente de Vale Maria do Meio; paralelamente, procedeu-se à limpeza da vegetação arbustiva que infestava o local e que inviabilizava uma leitura satisfatória da estrutura do recinto megalítico. Procedeu-se, subsequentemente, ao levantamento topográfico do terreno, com base no qual se efectuou um primeiro registo gráfico preliminar do monumento, tal como se encontrava nesse momento. Os monólitos e fragmentos de monólitos observáveis à superfície foram numerados de 1 a 33, começando no menir cuja posição, do lado Sul, aparecia claramente

excêntrica em relação ao conjunto, e continuando no sentido dos ponteiros do relógio (Calado e Sarantopoulos, 1996). Apesar de, mais tarde, com base na escavação do monumento, se ter verificado que alguns dos monólitos numerados correspondiam apenas a possíveis fragmentos de menires fracturados, deslocados da sua posição original por conveniência dos trabalhos agrícolas, manteve-se, para efeitos de registo, essa primeira numeração (Fig. 9).

Os trabalhos de escavação desenvolvidos em 1995, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, foram concluídos, por razões climatéricas, apenas no mês de Dezembro, altura em que se procedeu à reimplantação da maior parte dos monólitos nos respectivos alvéolos. Em paralelo com os trabalhos de escavação, ampliou-se e aprofundou-se o estudo da área envolvente do Vale Maria do Meio através da realização de prospecções selectivas, com malha bastante apertada.

A maior parte dos monólitos apresentava-se, à partida, em bom estado de conservação; no entanto, o menir 12, apresentava-se fracturado transversalmente, com as duas partes em conexão e o menir 8 apresentava-se partido em cinco fragmentos, com fracturas de aspecto relativamente fresco. Apesar de muito desconjuntado, foi possível colar e reconstituir integralmente este monólito.

Pelo contrário, os menires 7 e 32, embora também tenha sido possível identificar os respectivos alvéolos de implantação, encontravam-se truncados, restando apenas, a ambos, a extremidade proximal ainda razoavelmente *in situ*. Nos casos dos monólitos 4, 5, 16, 20, 21, 22 e 24, trata-se de fragmentos de possíveis menires de que não foi possível recuperar conexões, nem vestígios de estruturas de implantação.

Finalmente, nos casos dos menires 1, 13, 14 e 15, ainda que, aparentemente, se encontrassem todos (com a eventual excepção do primeiro) muito próximos da sua posição original e se encontrassem intactos, não foi possível detectar vestígios convincentes de estruturas de implantação.

Quanto aos restantes, a maioria apresentava-se tombada, com maior ou menor inclinação, e com a base ainda parcialmente implantada no respectivo alvéolo.

2. Escavação

Os trabalhos de escavação iniciaram-se no dia 3 de Julho e prolongaram-se até ao final de Setembro. Efectuaram-se ainda, durante três fins de semana, nos meses de Outubro e Novembro, intervenções pontuais, com o objectivo de concluir a escavação das áreas abertas e proceder à recolha controlada de amostras de solo das diferentes unidades estratigráficas identificadas.

Implantou-se previamente, no terreno um marco de cimento que funcionou como referencial planimétrico e altimétrico e a que foi atribuído, convencionalmente, o valor 100 m no eixo S-N e 200 m no eixo W-E.

A estratégia de escavação adoptada centrou-se na abertura de 8 Sectores onde se incluíam todos os monólitos observáveis à superfície e de duas sanjas perpendiculares, orientadas pelos pontos cardiais e mais ou menos coincidentes com os eixos maior e menor do monumento; durante os trabalhos procedeu-se ao alargamento pontual desses Sectores, em pequenas áreas anexas, onde se localizavam estruturas de implantação de alguns menires.

Os mais de trezentos metros quadrados assim delimitados, foram escavados com uma estratégia de escavação em área aberta respeitando, sempre que possível, a precedência das unidades estratigráficas.



FIG. 1 – Aspecto do monumento na altura da descoberta.

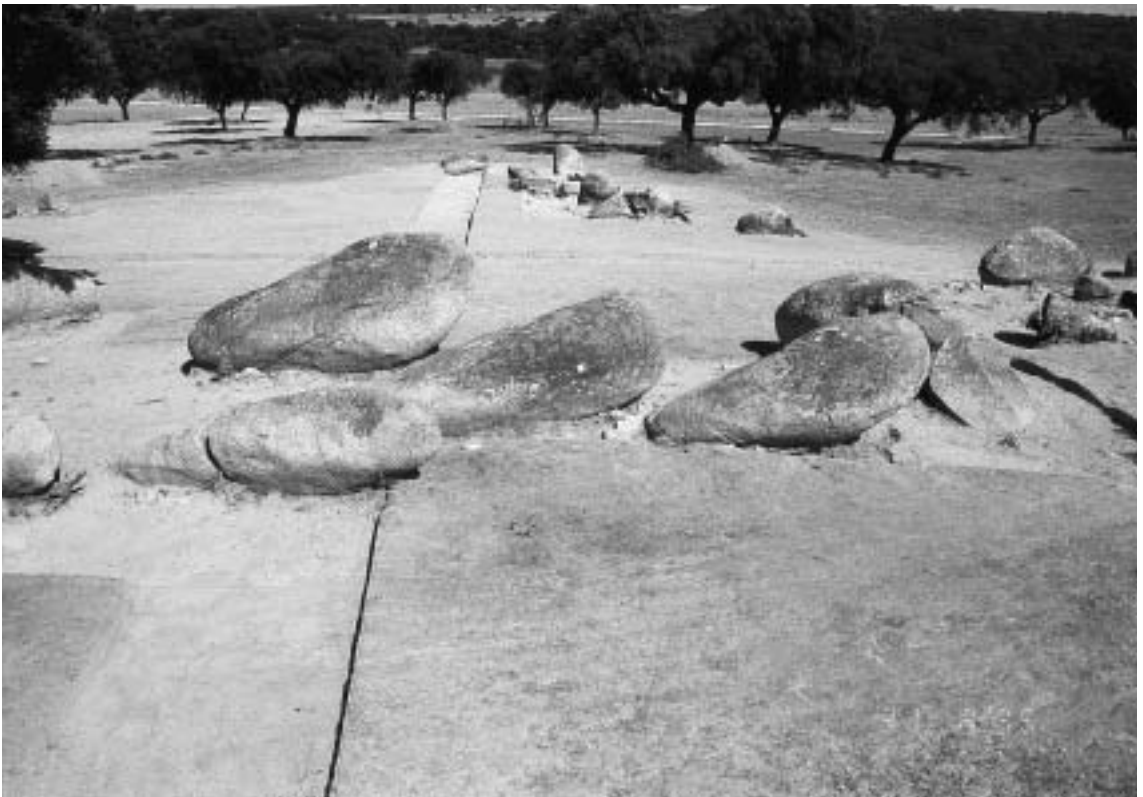


FIG. 2 – O monumento em fase de escavação. Note-se a inclinação para sul dos menires do lado ocidental.



FIG. 3 – Menir central (II), em fase de escavação.



FIG. 4 – Coroa e alvéolo do menir 9.



FIG. 5 – Operações de transporte e implantação, sem recurso a maquinaria, do menir 9.



FIG. 6 – Aspecto do lado ocidental do recinto, após restauro; ao centro, o menir 10, em que são visíveis as gravuras.

Os estratos detectados resumem-se, infelizmente, a uma camada superficial, mais ou menos revolvida pelas lavouras e pelos agentes naturais (UE1), por uma camada de terra avermelhada, estéril, de formação anterior à construção do monumento e relacionada com os processos pedogénicos locais (UE2) e uma terceira, igualmente estéril e de formação natural, cuja diferenciação se fez, por critérios topográficos, uma vez que se localiza abaixo de alguns topos do substrato rochoso (UE3).

Em quase toda a área se definiu, sob as UE1 e UE2, um substrato geológico irregular, com filões quartzosos muito fracturados ou, noutras áreas, um solão que corresponde à alteração da rocha-mãe e cuja superfície irregular é observável, em corte, próximo da Malhada do Monte, a cerca de 200 m do recinto, numa vala aberta para construção de uma plataforma de tiro aos pratos (Fig. 8, A).

Na parte central do recinto, concretamente nas sanjas que o atravessam, foi possível observar vestígios de regos abertos no “solão”, de orientação genericamente N-S, acompanhando, portanto, as curvas de nível e em cuja base se recolheram materiais modernos.

A observação dos alvéolos de sustentação dos menires (em muitos dos quais, reduzidos a uma ligeira cavidade, a coroa de sustentação se limitava a um anel de pedras, assente próximo da base do alvéolo) e a sua relação topográfica com a superfície actual do terreno, levam-nos a concluir que não se conservam quaisquer estratos que eventualmente se tenham depositado durante a utilização do monumento, mas que, pelo contrário, o solo de ocupação contemporâneo da sua construção sofreu fenómenos erosivos em escalas diversas.

A única excepção cabe ao menir 34, descoberto durante o processo de escavação, sobre o qual, já depois de tombado, se depositou barro avermelhado, presumivelmente oriundo, atendendo à morfologia do terreno, da área adjacente, a Sul, compreendida no Sector G (Fig. 9).

De facto, os fenómenos erosivos parecem ter tido um efeito mais profundo na área central do recinto, sendo as áreas menos afectadas as que integram a extremidade ocidental, onde se localiza a maior concentração de menires, constituída pelos monólitos de maiores dimensões. Esta erosão diferencial compreende-se, em função da acção de lavouras continuadas, desde pelo menos a época romana, da qual se registaram nas imediações abundantes vestígios, com destaque para três pesos de lagar, todos a menos de 1 km do sítio.

A própria truncagem de alguns monólitos, conforme referido, é, com toda a verosimilhança, atribuível à época romana, sendo claro, nas cicatrizes dos blocos afectados, o resultado de um processo de esquadriamento, típico dos silhares romanos. O facto de faltar a parte mesial dos menires 7 e 32, originalmente de dimensões modestas, sugere igualmente esse destino; por outro lado, reforçando esta interpretação, registou-se, num sítio romano a cerca de 2 km a NE do monumento em estudo, um possível fragmento distal de menir.

3. Os materiais

São muito escassos os materiais recolhidos, sobretudo tendo em conta a área escavada. Saliente-se que, à excepção da camada superficial UE1, onde aliás se recolheu cerca de metade do espólio obtido, todas as outras (UE2, UE3), assim como os enchimentos dos alvéolos, foram crivadas com crivo seco, de malha fina.

Recolheu-se, por baixo do menir 15, juntamente com algumas pedras eventualmente provenientes da respectiva coroa de sustentação, um fragmento de dormente de mó manual barquiforme, em granito.

Na estrutura de implantação do menir 7, reduzida apenas à parte inferior, identificou-se um fragmento mesial de um instrumento de pedra polida, de secção arredondada e corpo picotado; infelizmente, este artefacto foi saqueado por clandestinos, durante a escavação do alvéolo.

Se exceptuarmos alguns escassos fragmentos cerâmicos muito rolados, de possível adscrição pré-histórica e alguns artefactos recentes (cerâmica e uma moeda de cobre de D. José, de dez réis), todo o restante espólio é constituído por raspadeiras, buris, lascas, lamelas, esquirolas e restos de talhe de sílex (Fig. 7).

4. As estruturas de implantação

As estruturas de implantação (alvéolos e coroas pétreas) apresentam, como se disse, um grau de conservação diferenciado. Uma grande parte apresenta-se mutilada na parte superior, não restando nada mais, em alguns casos extremos, do que a base do alvéolo e restos da parte inferior da coroa. Mesmo assim, creio que foi possível identificar, com bastante precisão, o que resta da planta do monumento.

Nos casos melhor conservados, (menires 8, 9, 10, 12), o alvéolo apresenta um perfil assimétrico, com o lado mais rampado a Sul; do lado oposto, mais verticalizado, a coroa é inexistente ou muito rudimentar. Por outro lado, em todos eles, o monólito encontrava-se tombado para sul, precisamente o lado em que a estrutura pétrea aparece mais desenvolvida (Fig. 2). Isto implica, muito provavelmente, que os menires foram trazidos das manchas de afloramentos graníticos que se localizam preferencialmente nessa direcção, tendo ao menir sido arrastado para dentro do alvéolo pelo lado rampado; esse ficaria sempre mais fraco que o lado oposto, apesar do reforço oferecido pela coroa, e parece ter cedido lentamente ao peso do menir.

5. O monumento

A escavação permitiu confirmar, em termos gerais, a planta aparente do monumento, o que significa que, para além do aproveitamento de alguns menires (tudo indica que sobretudo os de menores dimensões), o conjunto se conservou relativamente intacto.

Trata-se de um espaço alongado segundo um eixo perpendicular às curvas de nível e equinocialmente orientado; a extremidade ocidental do recinto implanta-se precisamente na borda da plataforma que constitui o topo da colina, enquanto o resto do conjunto se estende para Leste, acompanhando a linha de declive.

Por outro lado, é notória a concentração de monólitos de maiores dimensões (os que, em todo o caso, melhor resistiram ao saque) na área mais ocidental do monumento; enquadrado neste sector, implanta-se, no possível eixo de simetria do conjunto, o menir central (Fig. 3), que é o mais volumoso de todos. É de destacar, mesmo tendo em conta as significativas lacunas verificadas, o facto de o menir central, assim como os dois menires que assinalam as extremidades mais ocidental (menir 12) e mais oriental (menir 25) do monumento, se encontrarem alinhados com bastante rigor no sentido E-W.

É difícil ver, na planta do monumento, figuras geométricas regulares, traçadas a compasso; em abono do rigor e do respeito pelos factos, devemos precaver-nos de propostas de reconstituição demasiado imaginativas, fáceis de congeminar e de excelente efeito sobre audiências pouco exigentes. Posto isto, o exercício que apresento na Fig. 12 assenta na pre-

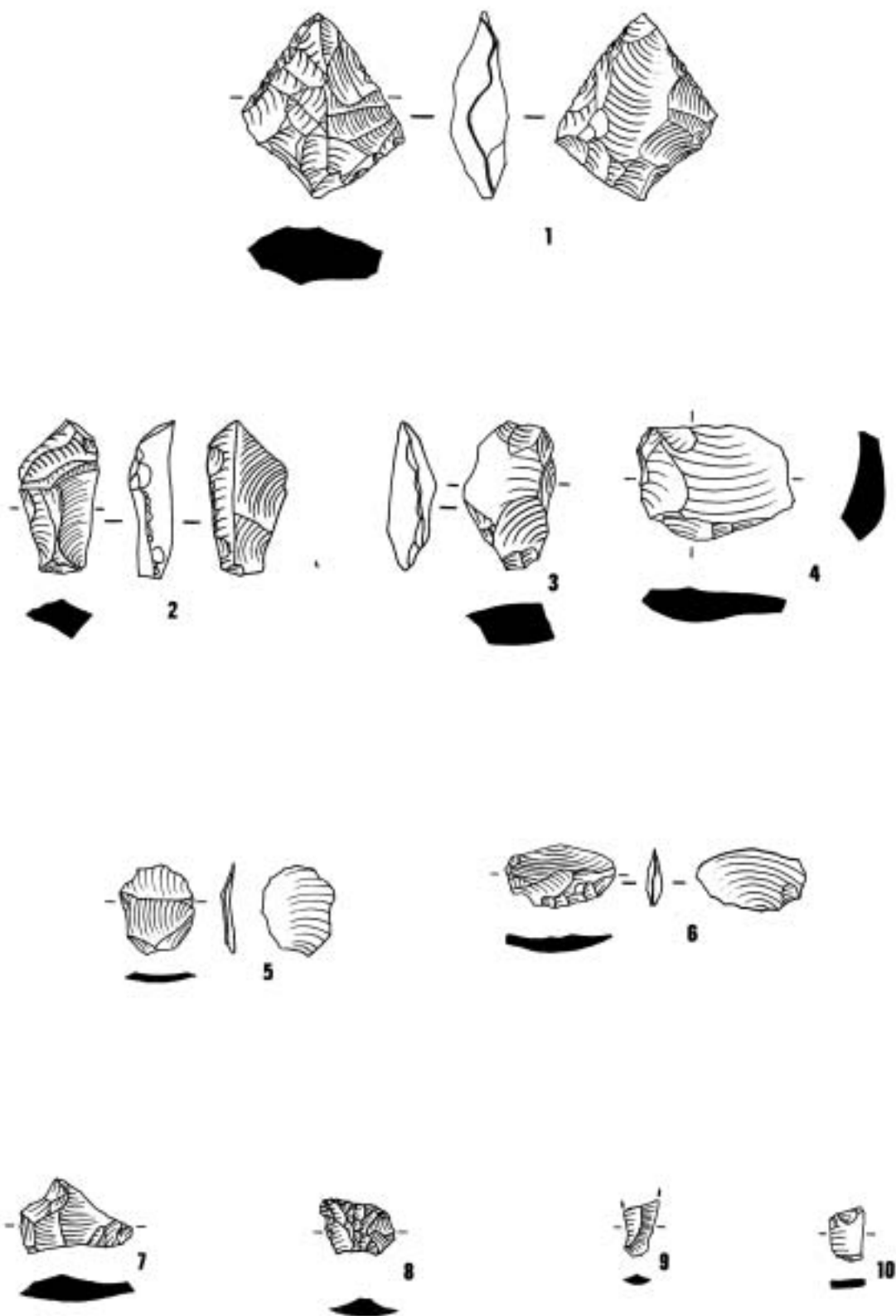


FIG. 7 – Artefactos de sílex provenientes da escavação do recinto.

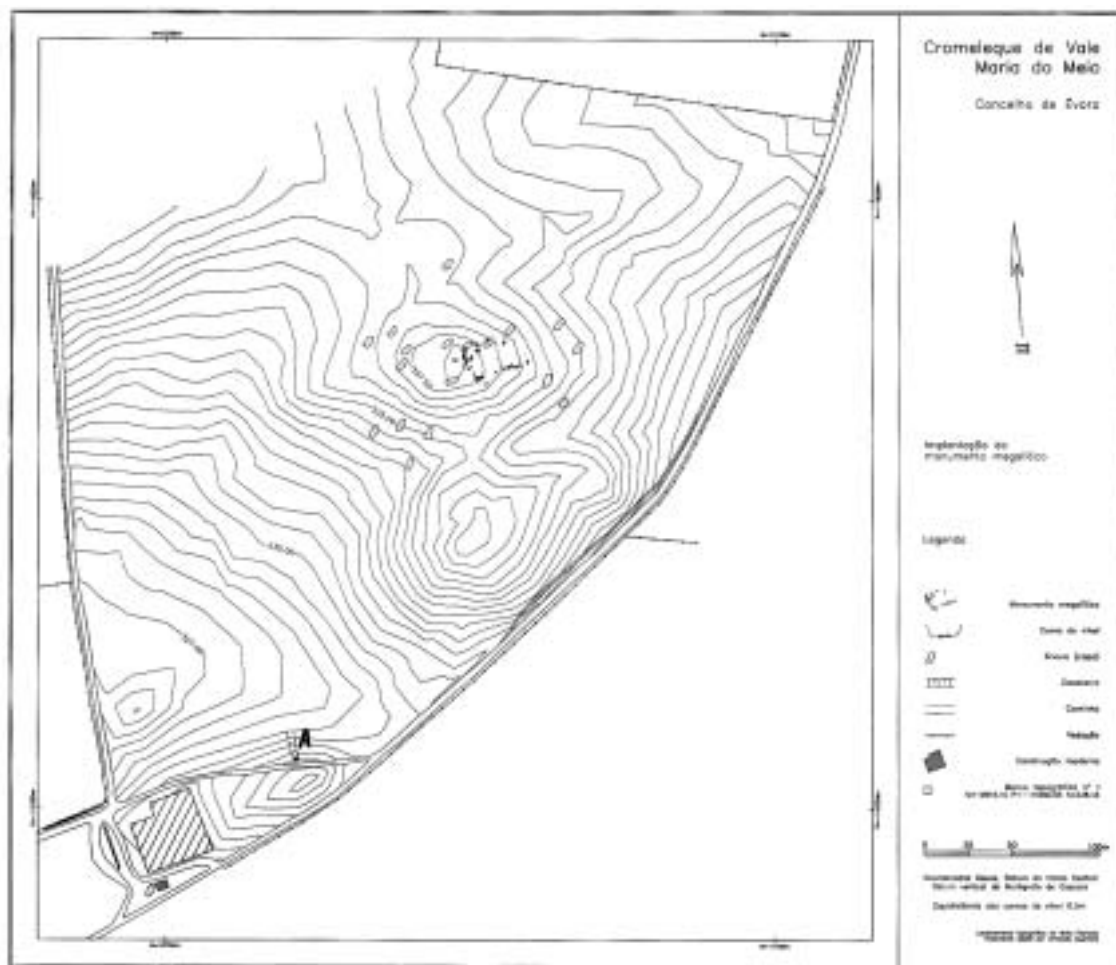


FIG. 8 – Implantação do monumento na área envolvente.

sunção de que os menires 12, 11 e 25 materializam um verdadeiro eixo de simetria, isto é, de que o monumento poderia ter efectivamente sido concebido com uma simetria longitudinal, a única viável, com base em todas as evidências.

Os círculos negros maiores correspondem à posição dos menires cujas estruturas de implantação estavam melhor conservadas; os círculos negros menores, a menires cuja localização permite algumas dúvidas e as estrelas correspondem à extrapolação, por simetria, dos primeiros. O círculo inscrito na parte superior do monumento, apesar de plausível, destina-se, quase exclusivamente, a satisfazer algumas mentes mais geométricas.

6. Arte megalítica

Atendendo à polémica recente em torno da utilização do método bicromático para o levantamento das gravuras, decidi prescindir desse método, tendo unicamente procedido à observação cuidadosa dos monólitos, inclusive recorrendo à fotografia nocturna com luz rasante, cujos resultados importa ainda aferir com técnicas (nomeadamente iluminação) mais sofisticadas.

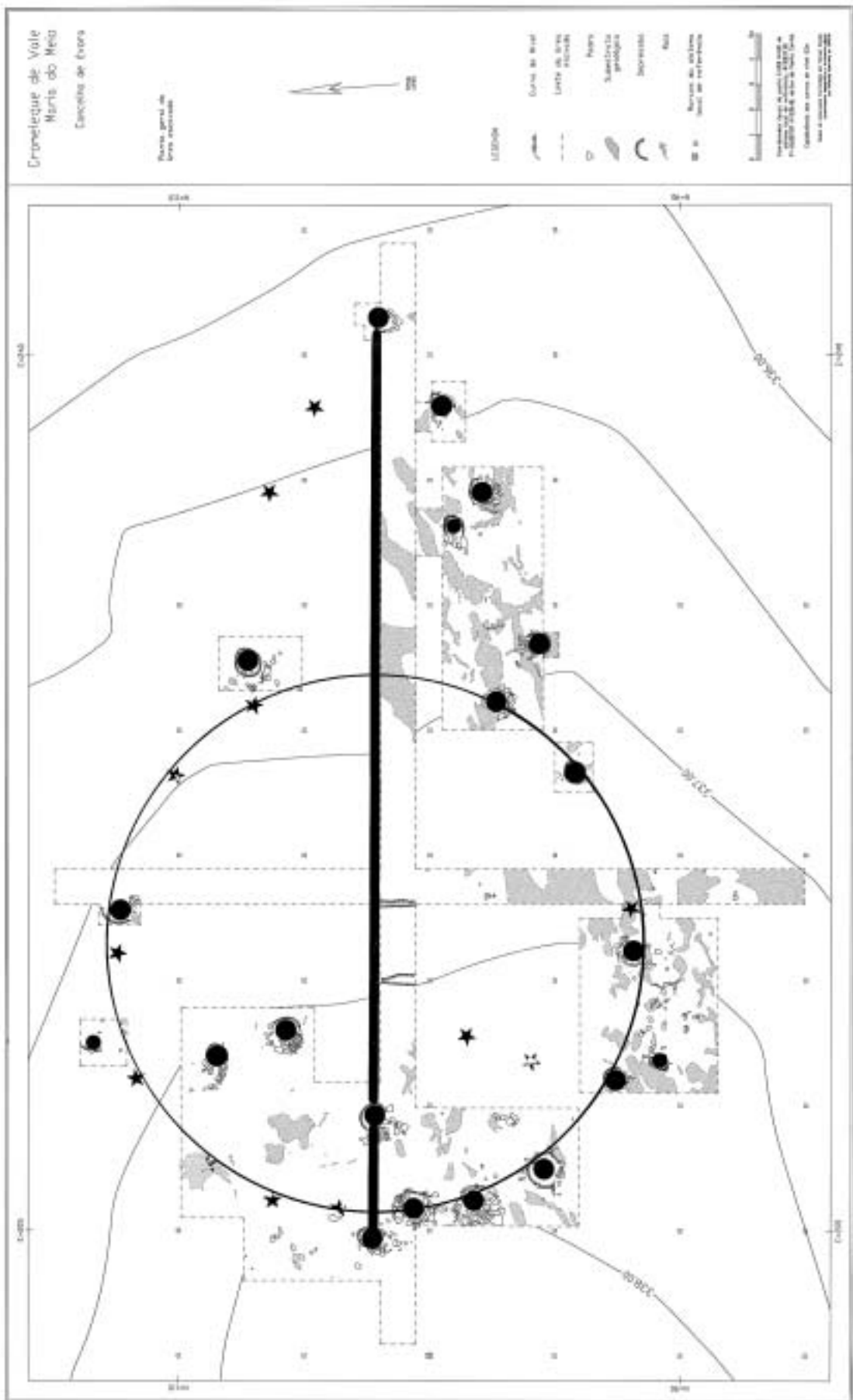


FIG. 12 – Proposta de reconstrução de parte do monumento, assumindo uma simetria longitudinal.

Com os processos usados reconheceram-se apenas gravuras indiscutíveis em dois menires (menires 10 e 18); os temas identificados consistiram na associação entre báculos e crescentes lunares, executados com técnica de baixo-relevo, com paralelos nos vizinhos recintos dos Almendres e Portela de Mogos (Calado, no prelo).

7. Conclusões preliminares

Um dos objectivos do projecto de intervenção no Vale Maria do Meio era a obtenção de informação que permitisse o restauro da parte que se conservou do monumento; efectivamente, foi possível, após os trabalhos de escavação, repor uma parte significativa dos monólitos na sua posição original; é evidente que uma acção deste tipo envolvia, à partida, dificuldades várias que condicionam a exactidão do restauro.

Por outro lado, e devido a contingências de financiamento, prescindimos de escavar nas áreas onde não ocorriam, à superfície, quaisquer vestígios de monólitos; no caso do menir 34, descoberto graças à escavação, convém referir que o mesmo aflorava, à superfície, apenas alguns centímetros quadrados.

No que diz respeito ao significado funcional do monumento parecem-me de reter as seguintes considerações:

1. A hipótese arqueo-astronómica, pelo menos nas variantes mais mitigadas, ganha alguma consistência em função do óbvio alinhamento equinocial do conjunto. A representação de crescentes lunares remete, por outro lado, para a possibilidade de alinhamentos relacionados com a posição deste astro no horizonte. A eventual fixação de determinados azimutes astronómicos deveria ser feita de Leste para Oeste, a única posição em que, para um observador colocado junto do recinto, alguns menires (os maiores) se recortariam contra o horizonte. Esta leitura foi aliás avançada pelo Prof. Marciano da Silva (Silva, no prelo), a propósito do *cromlech* dos Almendres e por Pedro Alvim, num trabalho sobre o mesmo tema, em que varia sobretudo a hipótese sobre a posição do observador (Alvim, no prelo).
2. Vale Maria do Meio localiza-se nos limites de uma paisagem muito característica, definida a Oeste da cidade de Évora; juntamente com a Portela de Mogos (a c. de 1,5 km) e com os Almendres (a c. de 10 km) pode ter integrado um sistema, de carácter ritual, com funções de balizamento territorial.
3. O alinhamento regional destes monumentos (Calado e Rocha, 1996) introduz outro elemento de peso na reconhecida polissemia dos recintos megalíticos, nomeadamente sugerindo a integração da maior parte deles num sistema mais abrangente.
4. A ausência de espólio de uso doméstico, nomeadamente cerâmicas, mau grado a erosão a que, em meu entender, a eventual estratigrafia foi sujeita, remete para o carácter não quotidiano do uso do sítio, reforçando a vertente simbólica que seria, aliás, de esperar. Creio, em consequência disto, que nos casos em que se encontraram menires associados a espólios de carácter habitacional, tal facto se deve a uma reocupação/reutilização subsequente, de um espaço antes sagrado.

Em termos cronológicos, Vale Maria integra-se, sem dificuldade, na proposta pela qual me tenho batido nos últimos anos (Calado, 1990, 1993, 1995; Calado e Sarantopoulos,

1996; Calado e Rocha, 1996; Calado, no prelo). A presença de vários núcleos de *habitat* do Neolítico Antigo/Médio a escassas centenas de metros do recinto, constituindo uma mancha quase contínua, assim como o próprio espólio recolhido, sem constituírem evidências arrasadoras, são, mesmo assim, factos bastante sugestivos.

Por outro lado, e apesar da habitual polémica, aguarda-se a datação, pelo método do Carbono 14 (com acelerador de partículas) de amostras de carvão retiradas do alvéolo do menir 10 (em estudo no laboratório da Universidade de Gröningen).

1 Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa; Investigador do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, UNIARQ.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F.; FERREIRA, O. V. (1971) - Um monumento pré-histórico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha). In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 1, p. 163-168.
- ALVIM, P. (no prelo) - Sobre alguns vestígios de Paleoastronomia no Cromleque dos Almendres. *A Cidade de Évora*. Évora.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1995) - Megalitismo, estátuas y estelas en España. *Notizie Archeologiche Bergomensi*. Bergamo, 3, p.77-129.
- BUENO, P.; BALBÍN, R. (1996a) - El papel del elemento antropomorfo en el arte megalítico ibérico. *Revue d'Archéologie de l'Ouest*, Suplément n.º 8, p. 41-64.
- BUENO, P.; BALBÍN, R. (1996c) - Southern Europe Post-Palaeolithic Art in Spain: State of the Issue. In Bahn, P.; Fosati, A., Eds. - *Rock Art Studies: News of the World*. Oxford: Oxbow Books, 1, p. 35-40.
- CALADO, M. (1990) - Aspectos do megalitismo alentejano. Comunicação apresentada às IV Jornadas Arqueológicas da A.A.P., Évora: *O Giraldo*, Jul-Ago.
- CALADO, M. (1993) - Menires, alinhamentos e cromlechs. In MEDINA, J.; GONÇALVES, V.S. (dir.) - *História de Portugal*, Lisboa: Ediclube, 1, p. 294-301.
- CALADO, M. (1997) - *Vale Maria do Meio e as paisagens culturais do Neolítico alentejano*. Évora: Câmara Municipal.
- CALADO, M. (no prelo) - Cromlechs alentejanos e arte megalítica. Comunicação apresentada ao III Colóquio Internacional de Arte Megalítica. La Coruña (1997).
- CALADO, M.; ROCHA, L. (1996) - Neolitização do Alentejo Interior: os casos de Évora e Pavia. *Rubricatum. Actas do I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*. Gavà, 2, 673-682.
- CALADO, M.; SARANTOPOULOS, P. (1996) - O Cromleque de Vale Maria do Meio (Évora): contexto arqueológico e geográfico. *Rubricatum. Actas do I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*. Gavà: Museu de Gavà, 2, p. 493-503.
- DINIZ, M.; CALADO, M. (no prelo) - O povoado pré-histórico da Valada do Mato e a génese do megalitismo no Alentejo interior (com M. Diniz). Comunicação apresentada ao II Congresso Peninsular de Arqueologia. Zamora (1996).
- GOMES, M. V. (1979) - Aspects of megalithic religion according to the portuguese menhirs. *Actas do III Valcamonica Symposium*. Valcamonica.
- GOMES, M. V. (1986) - O cromleque da Herdade de Cuncos (Montemor-o-Novo, Évora). *Almansor*. Montemor-o-Novo, 4, p. 7-41.
- GOMES, M. V. (1989) - Arte rupestre e contexto arqueológico. *Almansor*. Montemor-o-Novo, p. 225-270.
- GOMES, M. V. (1994) - Menires e cromleques no complexo cultural megalítico português - Trabalhos recentes e estado da questão. *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*. Viseu, pp. 317-342.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - *Revendando as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.

- GONÇALVES, V. S. ; BALBÍN, R.; BUENO, P. (no prelo) - O menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo) no contexto da Arte Megalítica Ocidental. Comunicação apresentada ao *III Colóquio Internacional de Arte Megalítica*. La Coruña (1997).
- GONÇALVES, V. S.; CALADO, M.; ROCHA, L. (no prelo) - A estela-menir do Monte da Ribeira. *Ophiussa*. Lisboa. 1.
- GONÇALVES, V. S.; HOSKIN, M.; CALADO, M. (no prelo) - Algumas notas sobre a orientação dos monumentos megalíticos de Reguengos de Monsaraz. Comunicação apresentada ao *I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz.
- JORGE, V. O. (1977) - Menhirs du Portugal. Sep. de L'Architecture mégalithique. Vannes: Société Polymathiques du Morbihan.
- LE ROUX, C.-T. (1995) - *Gavrinis*. S.l.: Ed. Jean-Paul Gisserot.
- MONTEIRO, J. P.; GOMES, M. V. (1979) - Menires do Algarve. In *Actas del XV Congreso Nacional de Arqueología de Lugo*. 1978. Zaragoza, p. 355-374.
- OLIVEIRA, J. (no prelo) - As pequenas antas de xisto de Montalvão e Cedillo. Comunicação apresentada ao *I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz.
- PINA, H.L. (1971) - Novos monumentos megalíticos no Distrito de Évora. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra, 1.
- ROCHA, L. (1996) - *Povoamento megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento do megalitismo regional*. Lisboa: Faculdade de Letras (ed. policopiada).
- SILVA, M. (no prelo) - Conjecturas sobre astronomia megalítica. Comunicação apresentada ao *I Simpósio "Transformação e Mudança"* (Cascais, 1993).